

ASSOCIAÇÃO DO HPV CERVICAL EM POPULAÇÃO DE RISCO PORTADORA DE HIV

Etlinger D¹, Yamamoto LSU¹, Shirata NK¹, Sakai YI¹, Aguiar LS¹, di Loreto C¹, Pierro BL¹, Negreiros L¹, Varanda PR², Cardoso T², Pereira SMM¹.

Instituto Adolfo Lutz, São Paulo, SP¹; Centro de Referência em Saúde Sexual e Reprodutiva (CRESSER), Sumaré, SP² – e-mail: danielaetlinger@terra.com.br

A aquisição da infecção cervical pelo Papilomavirus humano (HPV) é o principal precursor de uma série de eventos que leva ao câncer cervical. Apenas a infecção pelo HPV não é suficiente para levar a uma transformação maligna. Estudos epidemiológicos indicam que o risco de aquisição está associado ao número de parceiros, idade da primeira relação sexual e história de doenças sexualmente transmissíveis. O objetivo deste estudo foi identificar a frequência de lesões cervicais em mulheres atendidas no Centro de Referência em Saúde Sexual e Reprodutiva (CRESSER) do município de Sumaré-SP. As amostras cervico-vaginais foram colhidas pelo método convencional e meio líquido, de profissionais do sexo e portadoras de HIV atendidas no CRESSER. O material foi processado e analisado no Setor de Citologia Oncótica do Instituto Adolfo Lutz. Foi analisado um grupo de 57 mulheres, com média de idade de 34,1 anos (21,1-59,3), que relataram média de idade do primeiro coito como sendo 15,3 anos (11,0-25,0). Eram portadoras do HIV 26 (45,6%) mulheres. Das 57 mulheres, 24 (42,11%) apresentaram alterações epiteliais atípicas, sendo 15 (26,3%) atípicas de significado indeterminado possivelmente não neoplásica (ASC-US), 2 (3,5%) atípicas de significado indeterminado não se pode afastar lesão de alto grau (ASC-H), 4 (7,0%) lesão intra-epitelial de baixo grau (LSIL) e 5 (5,3%) lesão intra-epitelial de alto grau (HSIL). Das 7 mulheres que apresentaram LSIL ou HSIL, 4 (57,14%) relataram antecedente de HPV, 5 (71,43%) são portadoras do HIV e apenas 1 relatou usar preservativo na relação sexual. Pelos resultados preliminares concluímos que a distribuição de lesões do colo uterino neste grupo de mulheres foi de 42,1%, que corresponde a 6 vezes mais, quando comparado com 6,15% de 2007 e 7,95% em 2008, detectados na rotina do Setor de Citologia Oncótica.